

# POVOS ORIGINÁRIOS: 11.645 RASTROS EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA CONTRACOLONIAL

## ORIGINAL PEOPLE: 11,645 TRACES IN SEARCH OF A COUNTERCOLONIAL PEDAGOGY

*Osvaldo Pinheiro da Silva<sup>1</sup> -  
INSTITUTO DE ARTES DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"*

### Resumo

A presente pesquisa segue em busca de rastros contracoloniais, a partir do território indígena de Pindorama (Brasil), como possibilidade educativa de uma outra forma de olhar e se relacionar com práticas ancestrais que foram subalternizadas pela colonização. A partir de uma escrita de si e ampliada para múltiplas vozes, o trabalho busca rastros ancestrais da árvore genealógica do docente/narrador, assim como das(os) docentes que foram convidadas(os) a participarem em consonância com inúmeras vozes de lideranças indígenas de todo o país. Apresenta um estudo e ações sobre práticas curriculares e metodológicas desenvolvidas no Ensino Fundamental da EMEF Prof.<sup>a</sup> Célia Regina Andery Braga, em São Paulo (SP), como importante contribuição para entender como se efetivam os processos sobre cultura indígena no ensino formal, ampliando as bases teóricas e metodológicas da arte-educação.

**Palavras-chave:** Currículo; educação; formação de docentes e discentes e relações étnico-raciais.

### Abstract

This research continues in search of counter-colonial traces, from the indigenous territory of Pindorama (Brazil), as an educational possibility for another way of looking at and relating to ancestral practices that were subordinated by colonization. Starting from a self-writing and expanded to multiple voices, the work seeks ancestral traces of the teacher/narrator's family tree, as well as of the teachers who were invited to participate in line with countless voices of indigenous leaders from All country. It presents a study and actions on curricular and methodological practices developed in Elementary Education at EMEF Prof. Célia Regina Andery Braga, in São Paulo (SP), as an important contribution to understanding how processes on indigenous culture are carried out in formal education, expanding the theoretical and methodological bases of art education.

**Keywords:** Curriculum; education; training of teachers and students and ethnic-racial relations.

---

<sup>1</sup> É ator e professor de teatro. Mestre em arte, pelo IA-Unesp, tem licenciatura em artes cênicas. É docente/concursado em Arte e integrante da Cia. Estável de Teatro.  
<http://lattes.cnpq.br/7413291741303508> - <https://orcid.org/0000-0001-7783-102X>  
<https://orcid.org/0000-0001-7783-102X>. Acesso em: 06/06/2024.

## Relato de experiência arte educativa

Sempre que volto à minha cidade de origem, Solonópole (CE) e ao meu núcleo familiar, regresso em busca de um novo sentido para a existência, portanto, essa pesquisa me reconecta ao tempo das primeiras histórias contadas ao pé do ouvido em casa e na escola, como artimanha confusa no contraponto entre as pessoas que contam e das pessoas que escutam tais narrativas.

Tais histórias retratam uma batalha entre povos indígenas onde, no confronto, o sangue dessas etnias havia escorrido pelo rio que transpassa minha cidade e, a partir deste acontecimento, deu origem ao nome do povoado que ficou conhecido como Cachoeira do Riacho do Sangue, no Sertão Central do Ceará, mais tarde sendo renomeada como Solonópole, em homenagem a um personagem “ilustre” da cidade conhecido como Manoel Solon Rodrigues Pinheiro.

Começo com essa história para dizer que esta pesquisa tem características de mergulho de dentro para fora, com o intuito de resgate bem específico para um processo artístico pedagógico de criação, que foi realizado com lideranças indígenas, docentes e discentes do Ensino Fundamental.

O trabalho me faz intrincado nas trilhas de uma memória ancestral, que revisita um passado de outrora, seguindo rastros de grandes lideranças, dentre elas: Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Olívio Jekupé, Davi Kopenawa, Kaê Guajajara, Célia Xakriabá, Ailton Krenak<sup>2</sup>, além de outras e outros.

Lembro-me que a primeira vez que escutei a palavra “índio”, foi muito cedo, na primeira infância, e já veio com todos os estigmas, fetiches e estereótipos perpassados há séculos.

Tudo isso numa infância sertaneja, que mostrava o programa “*Xou da Xuxa*”, exibido pela TV Globo entre 1986 e 1992, como um espaço de endeusamento à cultura branca europeia e, conseqüentemente, de exclusão de outros espectros da população nacional e sua encenação da famosa música “*Brincar de Índio*”. A partir disso, já se justifica o imaginário citado que trazia

---

<sup>2</sup> Ailton Alves Lacerda Krenak, conhecido como Ailton Krenak, é um autor, contador de histórias, liderança, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da Etnia Indígena Krenak.

ideais de branqueamento do Brasil e a ilusória democracia racial que naturalizavam as diferenças sociais.

Sou oriundo de Solonópole, cidade sertaneja que tem uma distância de 269,7 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará, tempo estimado de 4h30min de viagem, tem uma população estimada em 2018 de 18.291 habitantes e censo populacional em 2010 de 17.665 pessoas, segundo fontes do IBGE.

O primeiro povoamento colonial na área do atual município, de acordo com alguns autores, se chamava ORIABEBÚ.

Oriabebu. Riacho do sangue chamou-se Oriabebu pelos índios (ou Rio das pedras). A denominação se deve ao efeito visual da terrível batalha travada entre os índios Tapuias e as forças do governo comandadas pelo bandeirante Paulista Matias Cardoso, em 23.10.1683, cujo sangue derramado tingiu as águas que fluíam. Pesquisado por Pecci Silva Maranhão, no livro “O Ceará”, do Instituto do Ceará em 22.10.1987.

As hipóteses sobre qual conflito de fato teria ocorrido são várias: uma carnificina ocorrida entre indígenas defensores de Monte e Feitosa, famílias tradicionais do interior do Ceará, um combate entre indígenas genericamente chamados de “Tapuia” e a Bandeira de Matias Cardoso, no começo do século XVIII, ou mesmo uma briga motivada pela divisão das sesmarias (sistema português, adaptado no Brasil, que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola).

Fiz essa consideração como forma de trilhar rastros de uma subjetividade sempre inconformada com uma história não resolvida, que me foi apresentada ainda criança na escola, espaço de criação de referência muito importante que estrutura nossas crenças e valores que seguem adiante.

Ao escutar e avaliar outro chamamento do Krenak, passei a rememorar, profundamente, minha trajetória de formação subjetiva e me fiz coragem para rever, entender e construir outros rumos no espaço institucional de atuação que infelizmente, ainda hoje, invisibiliza a existência plena de nossos antepassados; uma forma de abrir passagem para outros imaginários que por aqui estavam, passaram e ainda continuam por essas paragens.

Há décadas, Krenak vem nos alertando sobre a construção da visão indígena no mundo, em especial a luta permanente dos povos tradicionais no Brasil<sup>3</sup>:

A literatura que é veiculada nas escolas para as crianças de vocês, até hoje, não conseguiu sair do preconceito de sugerir que os índios são primitivos, tipo, tão primitivos que ainda não conseguiram evoluir pro estágio civilizado, que é uma babaquice absoluta, a menos que pra gente evoluir, a gente tivesse que poluir, envenenar, detonar, criar bandido, os mocinhos, cadeias, grades, patrulhas, vigilâncias, hospitais. A gente não tem essas instituições maravilhosas que a civilização criou, tipo presídio de segurança máxima, sequestro, sequestro relâmpago, sequestro rapidinho, assaltos, essas coisas a gente não conseguiu, a gente não teve capacidade de desenvolver, mas quem sabe, se a gente viver em perfeita cooperação com o ocidente, a gente consegue chegar no mesmo grau de delinquência e detonar o planeta junto com todo mundo, eu acho que a oportunidade de juntos termos uma visão crítica da coisa, me dá uma oportunidade de ouvir vocês e possibilita também que eu conte para vocês um pouquinho da visão que o meu povo tem sobre isso que aprendemos a chamar de civilização.

Assim, em 2013, a Cia. Estável de Teatro, grupo que integro desde 2005, participou do 13º Encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR), em Transacoreana/AC, no qual tivemos momentos de grande significância e convivência com o povo *Huni Kuin*. Viver essa experiência de dias, acampado, participando de rituais, estudando, dormindo, comendo junto e partilhando teatro (palavra que não tem muito sentido para os povos originários), me despertou um interesse enorme de olhar com mais seriedade para essa realidade invisibilizada como apagamento do tal projeto de nação.

Em 2018, assumi cargo efetivo na EMEF Prof.<sup>a</sup> Célia Regina Andery Braga, como professor de Arte do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Assim, em agosto de 2019, propus à coordenação um projeto dedicado aos povos originários, com atividades que remetessem ao dia 09 de agosto, em homenagem ao Dia Internacional dos Povos Indígenas. Nessa programação, foram realizadas ações de contação de histórias de diversos povos, exibição de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-o8lunpqgXY>. Acesso em 06/06/2024.

documentários, brincadeiras e oficina de construção de instrumentos musicais indígenas com objetos recicláveis.

Paralelamente ao projeto supracitado, participei de uma formação denominada “Educar para as relações étnico-raciais na perspectiva do currículo da cidade e das Leis 10.639/03 e 11.645/08”, na qual apresentei uma contação de histórias sobre a resistência de mulheres negras ativistas, a partir do enredo da Escola de Samba da Mangueira de 2019.

Sendo assim, essa pesquisa se propôs a dar continuidade às ações relatadas na EMEF Prof.<sup>a</sup> Célia Regina Andery Braga, demandando um esforço de reconstruir lacunas de uma história que permanece invisibilizada e que o capitalismo pretende que assim permaneça, pois abrir margem para um reconhecimento daquilo que foi sistematicamente silenciado é também correr o risco de ter que devolver terras pindorâmicas invadidas aos povos que lhes dizem respeito, bem como demarcar uma outra lógica, diferente dessa colonialidade que, infelizmente, teima em persistir e nos exterminar.

Em 2019, iniciei o curso de pós-graduação (especialização) em Cultura nas Aldeias Indígenas e Quilombolas, pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (FAUESP), com proposições de visitas na Casa do Sítio da Ressaca, Museu Afro-Brasil, Aldeia *Tenondé Porã* (Parelheiros) e Território Indígena Jaraguá que infelizmente, devido à pandemia, foi cursado remotamente.

O conteúdo dessa pesquisa está disponibilizado como “Cadernos Pedagógicos” e foi organizado a partir de investigações teóricas e de campo. Teremos registros de mediações feitas durante o estudo, incluindo esboços, descrições e comentários para esclarecer notas. É um trabalho de registro de todas as atividades realizadas, inspiradas em frases, músicas, filmes, documentários, leituras, conversas, entrevistas e livros com suas respectivas menções de origem.

A cada Caderno, busco responder a muitas inquietações durante todo o percurso, tais como: “O que e como essas 3 (três) experiências me afetaram? O que fizeram comigo? O que contribuem para uma pedagogia contracolonial? O que fazem para o mundo da educação, do teatro, da arte, etc.? E o que esse percurso de mestrado me ajudou como experiência de vida?

O Primeiro Caderno intitulado “O Autor como Narrador”, diz respeito às experiências vividas e observadas no Acampamento “*Luta Pela Vida*” (**conforme**

**imagem 01**), em Brasília, quando tive a oportunidade de conviver com lideranças e movimentos indígenas de diversas partes do país, participar momentaneamente de suas realidades e ritos, e me reorganizar quanto aquilo que os reducionismos me fizeram entender sobre o ser “índio”, numa América Latina diversa e desde sempre plural, que carrega tintas e cores muito específicas de cada povo e reivindica cosmovisões particulares em suas vivências.

**Imagem 01:** Plenária do Acampamento “Levante Pela Vida” em Brasília/DF - 2021



**Fonte:** arquivos pessoais

Sendo assim, esse deslocamento me fez refazer todo o trajeto daquilo que internamente era incômodo e me possibilitou dar uma guinada nas subjetividades que me habitam.

O Segundo Caderno intitulado “Professoras(es)”, está organizado como formação com docentes, a partir da Lei 11.645/08, e o compartilhamento das flechadas ao vento que refizeram boa parte do meu percurso na Arte Educação.

Este momento da pesquisa nos possibilitou recontar histórias dessas culturas e também incentivar leituras decoloniais, conforme aponta Catherine Walsh apud OLIVEIRA & CANDAU (2010, p. 24):

[...] a decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. [...] é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação, da descolonização, ou seja, supõe

também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.

E, seguindo rastros sobre a visibilidade dessas lutas, foi elaborado um plano de aprendizagem dividido em 5 encontros sistematizados da seguinte forma: 1º ENCONTRO - “Lei 11.645/08: Pindorama (Terra das Palmeiras) – Kaê Guajajara e Território Ancestral”; 2º ENCONTRO - Desconstrução – Entrevistas com lideranças indígenas. O recorte dessa transcrição foi: Como se dá a Educação na Aldeia? Entrevistados: Cacique Chicão Terena (Edenilson Sebastião), Chirley Pankará (Chirley Maria de Souza Almeida Santos), Valdir de Souza, Budga Deroby Nhambiquara, Eldo Shanenawa (Eldo Carlos Gomes Shanenawa), Olívio Jekupé, Mirna Kambeba Anaquiri (Mirna Kambeba Omágua Yelê), Joedson Nascimento (Francisco Joedson da Silva Nascimento), Ingrid Sateré Mawé (Ingrid Silva de Assis Leitemberg) e Ismael Krahô (Ismael Ahprac Krahô);

No 3º Encontro de formação de professoras(es), falamos sobre Ancestralidades a partir da provocação dos rastros ancestrais que nos habitam; no 4º Encontro realizamos uma prosa de reflexão a partir dos vídeos: “*Ecologia*”, “*Pajerama*” e “*Brincar de Índio - Xou da Xuxa*”, intitulado: Audiovisual - Ecologia de Saberes.

Finalmente, no 5º encontro foi apresentado “Dados e Estatísticas - Contrapondo reducionismos”, sobre as realidades e luta indígena, encerrando com as reverberações e resultados dos encontros sugeridos e as devolutivas, a partir dos materiais devolvidos pelos docentes sobre as sequências pedagógicas e/ou tarefas formativas solicitadas.

Neste Terceiro e último Caderno, intitulado “Estudantes”, foi elaborado o projeto: “*O Teatro e Os Povos Originários*” como proposição de des-caravelização de mentes. Teve como objetivo apresentar aspectos relevantes ligados à diversidade das culturas indígenas, a partir do acervo de obras sobre literatura indígena disponível na sala de leitura da EMEF Profª Célia Regina Andery Braga, no contexto do Ensino Fundamental.

Os encontros foram desenvolvidos de forma a sistematizar atividades, dinâmicas e práticas na escola, tanto em sala de aula quanto nos demais espaços, quebrando estigmas de que o processo de ensino e aprendizagem se

faz apenas em sala, mas também em ambientes ao ar livre (referendando o modo de ensinar dos povos originários), usando ainda as salas de vídeo e leitura, brinquedoteca, corredores, jardins, quadra e demais espaços externos da unidade escolar. O projeto teve como resultado a encenação do exercício: *“Antes do Brasil da Coroa, existe o Brasil do Cocar”*, parafraseando a fala da liderança indígena *Célia Xakriabá*.

Sendo assim, este momento buscou contribuir para a ampliação das bases teóricas e metodológicas da arte-educação, por meio dessa pesquisa que teve como objetivo reconstruir imaginários e garantir a aplicação da Lei 11.645/2008, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, ampliando o debate sobre direitos e acessos das políticas educacionais.

### **Considerações finais**

Com a presente pesquisa, pude rever este lugar de indígena construído como algo folclórico ou peça de museu, assim como lançar um outro olhar sobre estes povos e suas culturas a partir de algo dinâmico, como toda a nossa contemporaneidade, e isso só aconteceu graças ao esforço da coletividade e da construção das múltiplas vozes com o compromisso de ressignificar suas leituras de mundo.

Optou-se utilizar o termo contracolonial, cunhado pelo quilombola, poeta e escritor Antônio Bispo dos Santos. Para ele, tanto a decolonialidade como a contracolonialidade têm funções importantes e um conceito não anula o outro.

A contracolonialidade é centrada na prática e na vivência. Para o pensador, é uma forma de defender territórios tradicionais, símbolos, significações e modos de vida. Nesse sentido, a oralidade é valorizada, já que traz às formações nas universidades questionamentos e saberes que ainda não estão nos livros.

Afirma que a grande causa das maiores mazelas que nós temos no mundo hoje é o colonialismo. Se você tem um veneno, você precisa ter o antídoto – o contracolonialismo!”, reflete.

A pesquisa trouxe à tona aquilo que se relaciona com a nossa ascendência, ou seja, as gerações anteriores. E este foi um caminho que aqui encontrei, um conjunto de fatores hereditários, que são passados de geração em

geração, e estão diretamente ligados às origens da nossa família, estado, país e toda construção social que nos faz acreditar em determinadas crenças e exclusões, que foram naturalizadas em cada uma/um de nós, como “nós” difíceis de desatar e que, por isso, se faz urgente considerar e visibilizar nossos conhecimentos ancestrais como elementos-chave para qualquer tipo de aprendizagem, que possam ser encontrados em plataformas diversas como histórias de vida, memórias, provérbios, mitos, músicas, cantos, literaturas, danças, gestualidades, poemas, etc.

Aqui aprendi que são várias as pedagogias contracoloniais e ou decoloniais, são formas de ensinar, aprender e modos de sociabilidade distintos daqueles herdados pelo colonialismo e pela colonialidade. É um conceito carregado de sentido pelos movimentos sociais indígenas latino-americanos e que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser. Enfim, também denota outras formas de pensar e se posicionar a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo.

## **Referências**

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- FREIRE, Paulo: **“Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa”** – São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.
- JEKUPÉ, Olívio. **Tekoa – Conhecendo uma aldeia indígena.** São Paulo. Global: 2011.
- POTIGUARA, Eliane. **O Vento Espalha Minha Voz Originária.** Rio de Janeiro. Grumin Edições: 2023.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Rita Carelli (org.). São Paulo: Cia das Letras: 2019.
- Tabajara, Auritha, Regina Drozina (Ilustrações). **Coração na aldeia, pés no mundo.** São Paulo. Uk’a editorial: 2018.
- MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas de São Paulo – Um olhar indígena.** São Paulo. Callis: 2004.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo. Ubu Editora / PISEAGRAMA: 2023.
- WERÁ, Kaká. **O Trovão e o Vento.** São Paulo. Polar: 2021.
- OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU V. M. F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** Educação em Revista da UFMG, Ver 26(1). Agosto 2010.